

Apresentação do projeto

Conteúdo

Situação geral dos arquivos	3
Descoberta da informação, vitalidade dos arquivos e domínio digital	5
Livros, pessoas, matéria	7
O construtor de apostas amusewiki	9
Acesso aos textos e divulgação dos arquivos	10
Dispersar o anarquismo no tempo e no espaço	12
Metadados e a visão geral do jornalismo anarquista	13
Traduções cooperativas e relações internacionais	15
Alguns elementos de reflexão crítica sobre o projeto	16
Quem trata de tudo?	17
Imaginando	20
Edição e formato de metadados	22
Cores como um indicador de qualidade de texto	23
Página inicial da pesquisa remota	24
Pesquisar página inicial a partir de um arquivo	25
Consultas de pesquisa	26
Resultado remoto	27
Resultado de um arquivo local-Amuse	28
Conclusões	29

Situação geral dos arquivos

Para que servem os arquivos? Por que guardar memória do que foi escrito, pensado e publicado no passado?

Seria simplista reduzir o arquivo anarquista a uma ideia de testemunho do passado. O anarquismo, de fato, nasceu antes como um modo de viver, pensar e lutar orientado para a transformação radical do presente. O passado, portanto, representa apenas uma coleção de experiências e testemunhos dos quais extrair ideias e ideias e, certamente, não uma tradição a ser protegida e mítica ao mesmo tempo.

Descoberta da informação, vitalidade dos arquivos e domínio digital

Os arquivos, tendo também em conta a situação contextual geral (pelo menos em Itália), estão a fechar, a tornar-se cada vez mais difíceis de aceder ou são gradualmente menos vivos e utilizados. Pode mesmo acontecer por vezes que aqueles que lidam com isso possam envelhecer, bem como que façam o seu caminho, naqueles que durante anos dedicaram as suas vidas à gestão de uma biblioteca específica, a percepção de que os fundos arquivísticos doados a todo um movimento são, na verdade, mais uma posse privada, talvez abrindo caminho ou impedindo a consulta de textos a indivíduos que remontam a diferentes correntes do anarquismo (ou para quem não há simpatia), ou mesmo confiar o que foi recolhido e cuidado por realidades autónomas às instituições e circuitos bibliotecários do Estado. Por outro lado, na ausência de uma mudança de compromisso e energia dentro do movimento, e não da polpa, só o Estado pode permitir a preservação de textos que o anarquismo não consegue mais manter disponíveis.

Não é possível tentar alterar as realidades existentes ou "reformar" a gestão questionável dos arquivos do passado. Ao invés, é possível refletir sobre o que significa e como é possível simplificar o facto de que livros e ideias do passado, através da atividade arquivística, podem ser ligados a um esboço de lutas e/ou iniciativas de estudo e consulta. Em nossa opinião, isso significa preservar uma riqueza de conhecimento e experiência, tornando-a acessível àqueles que querem estudá-la, obviamente não movida pela ambição de prestígio académico, mas pela tensão anarquista e pelo desejo de rutura radical. A digitalização, de certa forma, abre possibilidades nesse sentido. Possibilidades, no entanto, que devem ser enfrentadas com o conhecimento dos fatos para não criar, ao contrário, um círculo vicioso de atomização e isolamento.

Livros, pessoas, matéria

A digitalização massiva torna uma quantidade incrível de textos e conhecimento apenas aparentemente disponíveis. No entanto, continuam a ser apenas um potencial não expresso quando faltam as ferramentas para compreender e interpretar esta imensa quantidade de informação. As bibliotecas são lugares não só onde podemos encontrar livros, tomos e volumes, mas também pessoas que conhecem, conhecem, recordam os factos do passado e os seus contextos. Um pequeno livreto, para alguns, pode ser muito mais profundo do que uma monografia encyclopédica, mas corre o risco de desaparecer facilmente entre muitos outros textos se não for *lembrado*.

Não só acumular livros então, mas também recomendá-los, conhecer as estradas e os elos que os ligam, conectá-los. Reconstruir a hermenêutica de certas ideias, redescobrir os bosques de paixões de onde surgiram os tipos negros impressos no papel branco.

Então, para que serve um arquivo anarquista (também digital)? Mantenha vivas certas ideias. Por esta razão, os metadados são talvez mais importantes do que a qualidade das análises. Porque os metadados representam informações valiosas sobre a relação entre textos, enquanto as digitalizações só fazem sentido quando a forma, como é principalmente o caso em revistas em vez de livros, é a comunicação por sua vez. Um fanzine punk não usa apenas o léxico para atacar o existente, mas a forma das letras, imagens, legendas cuspidas no papel. Por esta razão, o coração de um arquivo digital deve ser a possibilidade de trazer de volta à vida real, ou seja, nas mãos das pessoas – em todos os lugares, não apenas dentro das quatro paredes da sede anarquista local – certas ideias perigosas para a ordem estabelecida. Por isso, questionar como imprimir ou reeditar textos preservados e transmitidos é algo que não pode ser separado da tentativa de criar um arquivo digital. O Arquivo e a Tipografia, embora simples e reduzidos ao mínimo, devem ser um único lugar concebido e concebido como tal.

O construtor de apostas amusewiki

A este respeito, tome como exemplo a interface dos diferentes sites relacionados com o projeto amusewiki. Ler no computador é apenas uma das opções. Você pode baixar o texto, para esquematizá-lo ao seu gosto a partir do zero, ou você pode configurar um modelo automático que transforma todas as partes do texto em um todo coeso. E isto aplica-se tanto a textos inteiros como a diferentes seleções e partes de fontes diferentes. Em suma, com poucos cliques cada indivíduo pode definir, quase sem conhecimentos necessários, a forma gráfica dos seus textos e divulgá-los como bem entender. Isso porque no centro desse projeto também há a possibilidade de gerar rapidamente PDFs ou textos editáveis.

Acesso aos textos e divulgação dos arquivos

No entanto, aqui reside uma das limitações da abordagem "tudo acessível": um motor de busca não deve tornar ultrapassada a troca de conhecimentos e conselhos de leitura entre seres humanos. Ao mesmo tempo, ao limitar o acesso ao texto integral (ou seja, fornecendo apenas indicações bibliográficas, como acontece em outros grandes projetos de arquivos anarquistas digitais), o risco é dificultar o uso desses textos, porque muitas vezes a não divulgação é acompanhada por uma digitalização parcial que se limita apenas aos dados principais (autor, data, local onde o livro está localizado). Pelo contrário, o espírito desta proposta é combinar a questão da relação humana que se cria ao assistir a um arquivo e discutir com as pessoas que lidam com ele e que o levam adiante com a da digitalização de textos. Como lidar com esses dois problemas?

Uma solução poderia consistir em distinguir o que é mostrado no sítio de arquivo digital em função do local a partir do qual é visualizado. Certamente um arquivo digital anarquista não pode ser algo de livre acesso a ninguém. Textos anarquistas às vezes podem ser particularmente indesejados para a autoridade. Por isso, será necessário pensar em uma forma de quem quiser poder solicitar credenciais para acessar o site. Por exemplo, passando (ou contactando) um arquivo anarquista existente na realidade. Com estas credenciais será então possível aceder a todos os títulos digitalizados, mas com um limite. A leitura do texto completo, bem como o download do material, só poderão fazê-lo estando fisicamente dentro de um arquivo. Em suma, a partir de sua casa você pode fazer pesquisas por título, por autor, talvez saber onde estão as cópias originais de certos textos e assim por diante. Mas para chegar ao cerne da questão, terá de ir a um arquivo. Em suma, para voltar àquela materialidade que o digital muitas vezes vem apagar.

Dito isto, muito dependerá da distribuição no espaço destes pontos de acesso. É óbvio que, se houver arquivos a cada 400 km, será muito difícil aceder a certas informações para quem vive longe. No entanto, existem várias soluções possíveis, que obviamente só os desdobramentos na realidade deste projeto poderão avaliar: uma delas pode ser que para ter alguns textos basta entrar em contato com um arquivo por e-mail, enviando-os, ou fazer uma cópia em seu próprio suporte de memória de um monte de material, ou por que não abrir um arquivo anarquista no lugar onde você mora? Por outro lado, um computador e uma impressora seriam suficientes, bem como uma ligação à Internet. Pequenas coisas, afinal.

Dispersar o anarquismo no tempo e no espaço

Este é, de facto, o potencial de tal projeto. Desmaterializar a confusão dando a possibilidade de aceder via internet a uma vasta série de textos nas mais diversas línguas e ao mesmo tempo rematerializar as ideias dando a possibilidade de imprimir diretamente o que nos é mais caro. Formas de apoio econômico, portanto, poderiam ocorrer com pouco esforço: coletar computadores não utilizados, mas ainda capazes de se conectar à rede ou impressoras antigas, a fim de espalhar no mundo, em todos os cantos remotos do planeta, um *corpus* de ideias que, de outra forma, precisariam de vans e vans de livros, bem como grandes instalações alugadas ou próprias.

Metadados e a visão geral do jornalismo anarquista

Um mito da era digital deve ser imediatamente desmascarado. Demasiada informação é como não ter informação nenhuma. Não basta simplesmente ter metadados corretos, um resultado que nem sempre é fácil de obter, mas o aspetto da relação entre os textos terá de ser desenvolvido. Tomemos o exemplo do famoso texto de Fra Contadini de Errico Malatesta (cfr. uma análise arquivística de traduções e reedições deste texto no Japão), que foi impresso e traduzido em dezenas de edições e idiomas. Estes textos, ou melhor, estas versões, devem estar de alguma forma relacionados, tornados navegáveis uns com os outros, identificados de forma única tanto entre textos (tanto ao nível da revista como do artigo da revista cfr. o gigantesco trabalho feito em *Tierra y Libertad* 1910-1919) e entre autores, contextualizando-os no espaço-tempo.

De facto, acontece, muitas vezes no caso de textos considerados menores, que por vezes existem traduções em línguas diferentes, mas que não são imediatamente atribuíveis ao original e, portanto, não se sabe de que língua e de que versão foram traduzidas, e assim por diante. Certamente não é um trabalho que pode ser feito da noite para o dia, mas um programa que permite destacar e usar esses dados já cria uma estrutura de leitura e mental que é orientada para o relacionamento e não apenas para o acúmulo de vozes e dados.

Obviamente, para que um texto seja facilmente imprimível, o processamento do texto em marcação deve ser feito de forma precisa e correta. Fazer esse trabalho significa facilitar ao máximo a vontade de trabalhar nos textos e reeditá-los, mesmo para aqueles com menos habilidades técnicas. Obviamente, nenhuma facilitação organizacional pode resolver claramente o problema da ausência de uma vontade precisa de lidar com livros e ideias.

Traduções cooperativas e relações internacionais

No passado, a importância das traduções e das relações entre diferentes indivíduos e grupos (incluindo internacionais e transnacionais) para editar e distribuir material e informações anarquistas de outros lugares foi destacada por muitos. Houve tentativas de preservar esse aspeto mesmo no mundo digital. Por um lado, centraram-se certamente no aspeto de tornar intuitiva a existência de traduções de alguns textos específicos (cf. [\[\[https://tabularasa.anarhija.net/special/index\]\]](https://tabularasa.anarhija.net/special/index) [Tabula rasa e a estrutura de seus links no final da página ou a seção sobre o debate internacional de A peste e o fogo]), por outro lado, no entanto, é necessário encontrar uma maneira de dar a possibilidade de identificar quais projetos de tradução estão em andamento e como contribuir para isso, mantendo o anonimato de quem está traduzindo e, finalmente, é importante poder ter uma visão geral das línguas das quais faltam as traduções de certos textos.

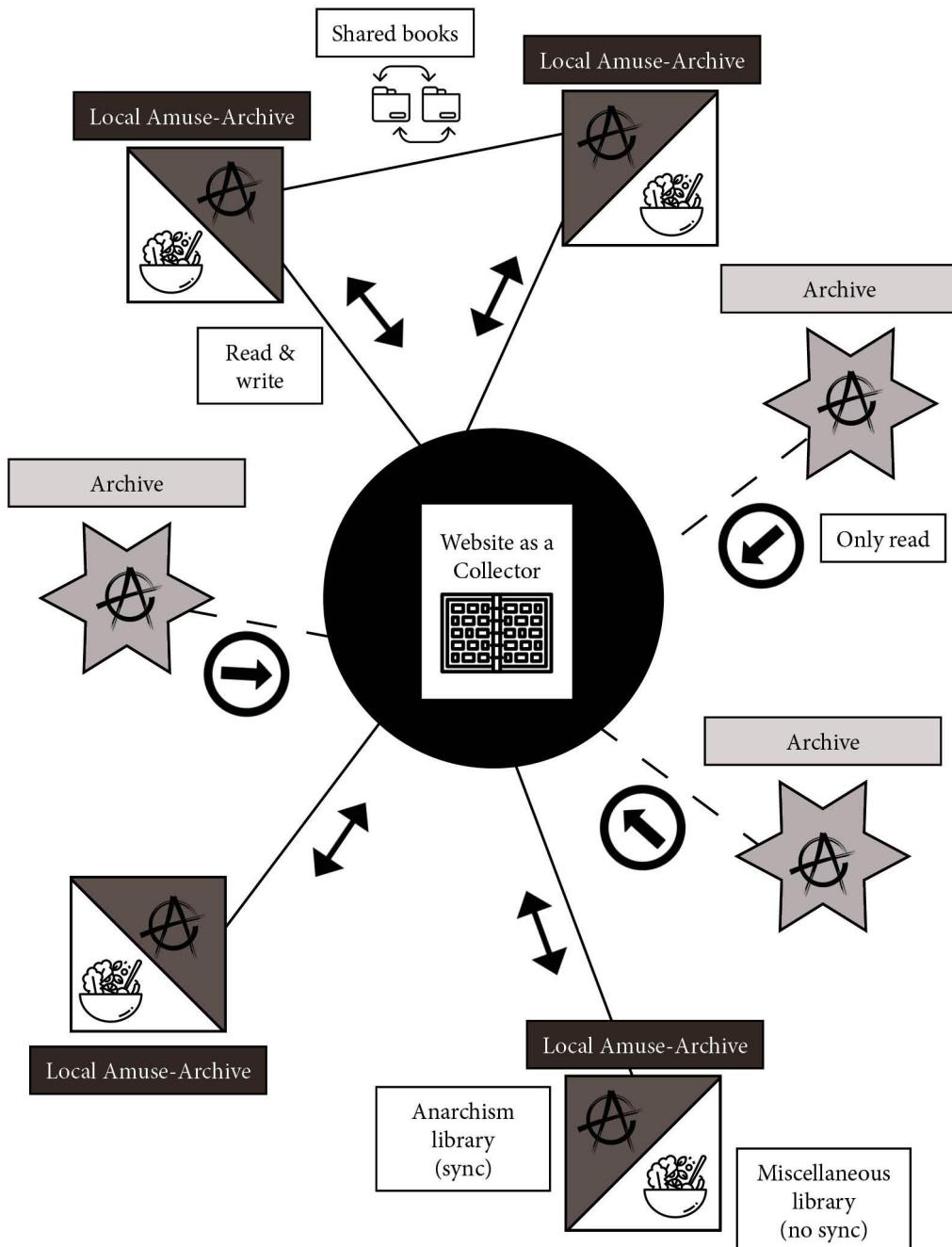
Um botão para se encarregar de uma tradução, por exemplo, que só pode ser ativado a partir de um arquivo, poderia envolver a criação de uma página temporária de "trabalho em andamento" e, por que não, o envio de um e-mail para os outros arquivos que têm esse texto entre os volumes preservados ou para aqueles que solicitaram ser notificados para quaisquer traduções em andamento da língua a para a língua b ou mesmo para aqueles que escreveram e editaram ou traduziu para outras línguas o mesmo texto. Obviamente, são as pessoas do arquivo que devem atuar como um filtro esclarecendo, em caso de solicitações, se a pessoa que está iniciando a tradução quer ou não ser contatada e/ou ajudada. Um bom ponto de partida para combinar comunicação e anonimato?

Alguns elementos de reflexão crítica sobre o projeto

Quem trata de tudo?

Estes sempre foram problemas centrais no campo do anarquismo, porque giram em torno de nós cruciais do pensamento anarquista, incluindo a relação entre pensamento e ação e a consequência entre meios e fins. Então, como podemos manter o equilíbrio da gestão funcionando ao longo do tempo? Porque é que os arquivos individuais devem abdicar da sua especificidade e dos seus projetos singulares para entrar (ou apenas contribuir através da partilha de dados) num macro-projecto? Como resolver diferenças, por vezes até éticas, numa área, como a anarquista, que é em si mesma ingovernável e não pode ser alinhada com posições precisas e únicas? Como evitar o blob de dados inúteis, varreduras mal feitas ou redundantes, metadados aproximados e incorretos? Como evitar ultrapassar o âmbito de textos especificamente ligados ao anarquismo e tornar-se um recipiente de todo o conhecimento humano?

Em relação a esta última questão, por exemplo, o CIRA em Lausanne apresenta diferenças entre a biblioteca e o arquivo (www.cira.ch): da mesma forma, poder-se-ia imaginar uma biblioteca de anarquismo (a biblioteca) que se torna uma espécie de "arquivo sincronizado" com os outros arquivos anarquistas, e uma parte do arquivo, doações, várias coleções de livros que não estão sincronizados no arquivo digital anarquista (conceito de "biblioteca diversa")? E o que dizer daqueles arquivos que querem manter uma plataforma própria que não se comunica de duas formas com um site que é uma espécie de "Colecionador", mas cujos dados só podem ser lidos?



Por outro lado, se a edição e correção de textos digitalmente é uma espécie de "reedição" apenas digital, não é possível que todos aceitem todos os textos que são carregados a partir dos diferentes arquivos. Da mesma forma, como evitar pedidos de remoção de textos específicos que, se públicos, poderiam ofender a sensibilidade ou violar a lei? Cada arquivo deve, portanto, manter sua autonomia decisória e arquivística, assumindo a responsabilidade pelo que "sincroniza" na biblioteca anarquista e o que em vez disso coloca em sua própria seção de miscelânea que anarquista, talvez não tenha nada, mas isso não significa que não possa conter textos preciosos e importantes.

Imaginando

Um sítio combina forma e substância. Pode funcionar perfeitamente, mas se não for fácil de usar, intuitivo e bem organizado ficará inevitavelmente deserto. Ao mesmo tempo, se não houver um motor potente, todo o barraco não se moverá uma polegada. Por esta razão, portanto, será necessário pensar o melhor possível em ambos os aspectos. Como imaginar a investigação? Como imaginar os mecanismos e as relações internas das bases de dados? Por esta razão, tentamos concentrar-nos no fluxo de trabalho de carregamento, pesquisa e leitura, tanto a partir do arquivo local Amuse como através do acesso remoto a partir do site do Collector.

Edição e formato de metadados

Que formato dar aos metadados? Dublin Core, Marc21 ou FRBR? Além do padrão, no entanto, é importante garantir que, com o menor número possível de cliques, você possa editar um ou mais campos em uma ou mais entradas. Verifique duplicados, sinônimos em várias línguas de nomes próprios e títulos, verifique a exatidão dos campos (bem como escolha com precisão quais são os mais importantes a preencher). Em suma, parece simples como tema, mas não é, de todo, tanto do ponto de vista técnico como lógico.

Cores como um indicador de qualidade de texto

A cor tem o poder de comunicar num piscar de olhos. Por esta razão, uma escala colorimétrica pode ajudar a esclarecer a precisão de uma entrada. Aqui está um exemplo:

Verde = PDF + TXT

Laranja = TXT

Vermelho = PDF

Preto = Referência de papel apenas

Azul = Tradução em curso

Página inicial da pesquisa remota

A pesquisa remota deve permitir diferentes formas de delimitar o campo de investigação, especificamente com caixas de idioma selecionáveis (mesmo uma ou mais línguas). Alguns botões com textos recentes e instruções de programa podem ser úteis. Considere uma página de contato com endereços e e-mails de todos os arquivos, divididos por idioma. Talvez a possibilidade de carregar textos remotamente deva ser conectada a um arquivo específico, de modo que o texto deve ser aceito e incluído na coleção do arquivo XXX selecionado dentro do procedimento de upload.

Ver, por exemplo, este protótipo: <https://archivio.anarchismo.net>

Pesquisar página inicial a partir de um arquivo

Na tela exibida pelo arquivo local Amuse, é claro, alguns botões devem ser diferentes. Se as instruções forem sempre válidas, você precisa adicionar uma seção de "gerenciamento" para aceitar os textos carregados remotamente e adicionar novos, verificar metadados, gerar relatórios e gerar credenciais de acesso ao site do Collector. Também poderia ser interessante adicionar um botão para ir para localizar na biblioteca física do arquivo os títulos nas prateleiras e talvez uma seção de empréstimo que mantém o controle dos livros. Sendo de fato uma espécie de site gerencial/administrativo de cada arquivo (não necessariamente público em seu conteúdo, mas talvez visível até mesmo através de pesquisas do Colecionador ou de outros arquivos locais da Amuse), algumas funções poderiam estar relacionadas à manutenção e funções específicas do arquivo.

Ver a.e. esta prova: <https://archivio.anarchismo.net/samples/demos/ricerca-locale.html>

Quanto às opções de pesquisa, no entanto, você pode adicionar se deseja ou não pesquisar também na seção de diversos do arquivo local, se deve filtrar por cor e se deve filtrar por textos ainda não traduzidos para o idioma X. Desta forma, por exemplo, você também pode gerar resultados aleatórios (ou determinados por chaves de pesquisa) de a.e. textos verdes a serem traduzidos a.e. para francês a.e. do inglês e / ou italiano. Em suma, fazer pesquisas que ajudem a expandir e internacionalizar os textos.

Consultas de pesquisa

Os resultados da pesquisa devem ser classificáveis pelas diferentes variáveis (data, ordem alfabética, comprimento do texto, cor, etc., etc.). Obviamente, as descrições colorimétricas para os diferentes resultados devem ser muito evidentes.

Resultado remoto

Remotamente o resultado deve conter informação bibliográfica (metadados), notas ao texto, a lista de arquivos em que existe uma cópia em papel, a possibilidade de guardar/partilhar a citação bibliográfica e um botão para solicitar uma cópia digital do texto (se houver) para um arquivo específico.

Resultado de um arquivo local-Amuse

Ao aceder à base de dados Collector a partir de um arquivo local da Amuse, o ecrã deve incluir toda uma série de botões que lhe permitem editar/imprimir/descarregar textos, bem como teclas específicas para criar páginas de tradução ou visualizar edições em línguas selecionadas.

Ver também a.e.: <https://archivio.anarchismo.net/samples/demos/>

Conclusões

Como se pode ver nestas pequenas linhas, o projeto é ambicioso mas, ao mesmo tempo, pode oferecer perspetivas interessantes para o futuro. Pensar a internacionalização, a reorganização do património documental do anarquismo e pensar a possibilidade de imprimir e manter vivos os lugares onde os livros são guardados são certamente esforços que têm um significado e importância próprios para além da urgência contingente. E, por isso, talvez faça particular sentido comprometermo-nos com ela. Dar a si mesmo uma perspetiva de si mesmo, um caminho autônomo a partir do qual imaginar outros projetos e outras aventuras.

Mycorrhiza Project

Apresentação do projeto

mycorrhhiza.amusewiki.org